

# Modi quer votos para reforçar agenda hindu

[leitor.expresso.pt/semanario/semanario2690/html/primeiro-caderno/internacional/modi-quer-votos-para-reforcar-agenda-hindu](http://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2690/html/primeiro-caderno/internacional/modi-quer-votos-para-reforcar-agenda-hindu)



Indianas aguardam vez para votar numa assembleia de voto em Parbatsar, no Rajastão (Noroeste da Índia)

Foto Himanshu Sharma/AFP/Getty Images

Indianos votam nas eleições legislativas ao longo de 44 dias

Margarida Mota

Os indianos estão a votar há quatro semanas e têm ainda mais duas pela frente. Dada a dimensão do país, que há meses se tornou o mais populoso do mundo, as eleições legislativas decorrem por fases, ao longo de 44 dias. Em causa está a escolha dos 543 deputados à Câmara Baixa do Parlamento (Lok Sabha), mas também uma clarificação quanto ao rumo da Índia: prosseguir pelo caminho da democracia ou tornar-se a pátria dos hindus?

Em sucessivas intervenções, o primeiro-ministro, Narendra Modi, tem esbanjado confiança quanto à possibilidade de a Aliança Democrática Nacional, coligação liderada pelo seu Partido do Povo Indiano (BJP, conservador nacionalista), eleger 400 deputados. Na história da Índia, apenas por uma vez um partido o conseguiu: em 1984, o Partido do Congresso (hoje oposição) conquistou 414 lugares.

Aos 73 anos, Modi persegue um terceiro mandato consecutivo. Na caça ao voto, não abdica da carta do medo, dizendo que uma vitória da oposição pode “trazer de volta o artigo 370 e colocar uma fechadura no templo Ram”, dois episódios supremacistas hindus sobre a minoria muçulmana.

### Templo sobre a mesquita

O artigo 370 da Constituição indiana conferia um estatuto especial de autonomia ao Estado da Caxemira (de maioria muçulmana), mas em 2019 foi revogado. Já o templo consagrado ao deus Ram, em Ayodhya, no Estado de Uttar Pradesh (Norte), foi construído sobre as ruínas de uma mesquita do século XVI, demolida por extremistas hindus em 1992. Modi presidiu à inauguração, a 23 de janeiro passado.

O BJP, de Narendra Modi, sempre desejou o estabelecimento de uma nação hindue

Uma maioria expressiva de 400 deputados daria condições ao BJP para alterar a Constituição. No seu preâmbulo, o texto estabelece que a Índia é “uma república soberana socialista secular democrática”. “Secularismo, no contexto indiano, significa igualdade religiosa e de género. Mas o BJP sempre desejou o estabelecimento de uma nação hindu [Hindu Rashtra], um Estado autoritário assente num sistema de castas, na obediência, na hierarquia e no parentesco. As mulheres seriam obedientes aos seus homens e os homens aos seus reis e deuses. Não haveria a ideia de cidadania. Uma pessoa seria leal à nação sem questionar”, explica ao Expresso Amit Singh, autor do livro “An approach to Hindutva in India” (Uma abordagem a Hindutva na Índia). Hindutva significa nacionalismo hindu.

“Os hindus seriam a fonte e as minorias religiosas, como muçulmanos e cristãos, não reivindicariam direitos iguais”, acrescenta este cientista social. “A maioria hindu nunca aceitou a Índia secular, o que significa que nunca apreciou a democracia no verdadeiro sentido.”

### Comer vaca é ofensivo

Segundo o último Censos, os hindus correspondem a 79,8% da população indiana (mais de 1450 mil milhões) e os muçulmanos a 14,2%. A histórica inimizade entre hindus e muçulmanos faz com que, no campo da política, as duas comunidades sejam facilmente polarizadas com base na religião. Um dos principais focos de atrito é o consumo de carne de vaca, um animal sagrado no hinduísmo. Em julho de 2018, em Alwar, no Rajastão (Noroeste), uma turba de vigilantes de vacas linchou um homem, acusado de contrabando de gado. Quatro atacantes foram condenados a sete anos de prisão.

O investigador indiano não acredita que o BJP promova uma alteração da Constituição no sentido de um Estado oficial hindu. “Manter a face para o mundo é muito importante. Eles são mesmo bons em relações públicas. Em muitos países, organizações hindus realizam eventos sobre Gandhi, ioga, Ayurveda, mas ninguém pergunta o que se passa com as minorias na Índia. Esta forma suave de Hindutva é muito perigosa, já que se baseia na projeção da Índia como vishvaguru, um mestre do mundo.”

Nos 10 anos que leva como primeiro-ministro, Modi foi oito vezes aos Estados Unidos, sete a França, seis à Alemanha. Visitou também Rússia, China, Reino Unido e Arábia Saudita. Esteve em Portugal a 24 de junho de 2017. Longe vão os tempos em que Washington lhe negou um visto, em 2005, por “violações graves da liberdade religiosa”. Modi era ministro-chefe do Estado de Gujarat, que em 2002 viveu três meses de violência sectária que as autoridades locais não contiveram.

Vigilantes de vacas lincharam um homem, acusado de contrabando de gado

Um dos mais recentes focos de violência intercomunitária acendeu-se a 3 de maio de 2023, em Manipur (Leste), opondo as comunidades kuki (predominantemente cristãs) e meitei (de maioria hindu). A 13 de julho de 2023 o Parlamento Europeu aprovou uma resolução condenatória da violência. Nesse mesmo dia, em Paris, Emmanuel Macron estendia a passadeira vermelha a Modi para uma visita de dois dias, em que os dois acertaram a venda à Índia de 26 caças Rafale e três submarinos Scorpene.

“Quando se trata de direitos humanos e negócios, o Ocidente escolhe os negócios. A ideia dos direitos humanos é promovida pelos Estados Unidos e alguns países europeus, mas perante interesses comerciais volta tudo ao normal. A Índia é um dos maiores mercados em crescimento. Não a veem como lugar cheio de conflitos”, conclui Singh. “Até certo ponto, também são responsáveis.”